

Aurea Luiza Zago Bretas

Oficinas reflexivas com grupo de adolescentes: um relato de experiência

Uberlândia

2019

Aurea Luiza Zago Bretas

Oficinas reflexivas com grupo de adolescentes: um relato de experiência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Psicologia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito para
conclusão do Curso de Graduação em
Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Reis

Uberlândia

2019

Aurea Luiza Zago Bretas

Oficinas reflexivas com grupo de adolescentes: um relato de experiência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Reis

Banca Examinadora

Uberlândia, 18 de dezembro de 2019

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Reis

Universidade Federal de Uberlândia

Prof^ª Dr^ª Anabela Almeida Costa e Santos Peretta

Universidade Federal de Uberlândia

Prof^ª Dr^ª Camila Turati Pessoa

Universidade Federal de Mato Grosso

Uberlândia

2019

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelas palavras e ações de carinho e acolhimento que foram meu alicerce neste processo.

À Marissa Oliveira, pela amizade e parceria nos últimos anos e que foram fundamentais em todos os momentos.

À Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Reis, por todo apoio, paciência e comprometimento na orientação deste trabalho e por tanto contribuir com meu crescimento.

À Prof^a Dr^a Anabela Almeida Costa e Santos Peretta, por aceitar ser membro da banca deste trabalho e por todos os ensinamentos que se tornaram essenciais.

À Prof^a Dr^a Camila Turati Pessoa, por aceitar ser membro da banca deste trabalho, contribuindo significativamente com o mesmo.

À Natália Gercina pelas contribuições tão valiosas para este trabalho e para meu aprendizado.

Às colegas Letícia Domingues e Letícia Franco que contribuíram grandiosamente com o desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos que, de diferentes maneiras, me incentivaram na conclusão desta etapa.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar um relato de experiência realizado com um grupo de adolescentes, o qual teve como finalidade criar um espaço de reflexão e diálogo sobre temáticas pertinentes a esse momento do desenvolvimento, sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Para tanto, foram realizados seis encontros quinzenais, no formato de oficinas expressivas, com duração de 100 minutos, no Centro de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (CENPSI), durante o segundo semestre de 2018. Participaram dos encontros seis adolescentes de ambos os sexos, com idade média de 15 anos, das séries finais do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, da rede de ensino público e particular da cidade de Uberlândia-MG. No decorrer do trabalho, abordamos as seguintes temáticas: ser/viver a adolescência na contemporaneidade, futuro/escola, família, sexualidade e saúde, sendo o último encontro destinado ao fechamento do projeto. Ao final dos encontros observamos o quanto o grupo foi um espaço importante na promoção de diálogo, aprendizagem, reflexão e acolhimento, tornando-se um lugar no qual os adolescentes encontraram acolhimento ao compartilhar vivências, dúvidas e sentimentos. Além disso, o trabalho realizado em grupo revelou-se como rica ferramenta da Psicologia, uma vez que ao partilhar experiências os adolescentes contribuíam com seus pares e refletiam sobre o próprio desenvolvimento.

Palavras-chave: Adolescência; oficinas reflexivas; aprendizagem; desenvolvimento.

ABSTRACT

The aim of this course conclusion paper is to present an experience report made with a group of adolescents, which had as a way to create a space for reflection and dialogue on themes related to this moment of development, from a perspective of Historical-Cultural Psychology. To this end, six fortnightly meetings were held, in the format of expressive workshops, lasting 100 minutes, at the Psychology Center of the Federal University of Uberlândia (CENPSI), during the second semester of 2018. Six adolescents of both sexes, with an average age of 15 years, from the final grades of Elementary School II and High School, from public and private schools in the city of Uberlândia-MG, participated in the meetings. In the course of the work, we approach the following themes: being / living adolescence in contemporary times, future / school, family, sexuality and health, being the last meeting aimed at closing the project. At the end of the meetings, we observed how important the group was in promoting dialogue, learning, reflection and welcoming, becoming a place where adolescents found welcoming by sharing experiences, doubts and feelings. In addition, group work proved to be a rich tool of psychology, since by sharing experiences, adolescents contributed with their peers and reflected on their own development.

Keywords: Adolescence; reflective workshops; learning; development.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	8
2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Adolescência: Descoberta, conhecimento e (in)dependência	11
3 TRILHARES - adolescência, aprendizagem e desenvolvimento	14
3.1 Conhecendo o grupo, criando vínculos e construindo ideias	16
3.2 Futuro: “quero ser um grande físico e descobrir mais sobre o mundo...”	21
3.3 Família: “Dificuldade de conviver, diferenças e manter identidade...”	23
3.4 Sexualidade: “Discutir abre portas e quebra tabu’s...”	26
3.5 Saúde: “Minha mãe é muito chata com isso de comida (...) Eu sei que é importante!”	28
3.6 Trilhares: “Descoberta de coisas novas e de forma leve...”	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
5 REFERÊNCIAS	36

1 - APRESENTAÇÃO

De quais adolescentes falamos? Como são os adolescentes da contemporaneidade? Quais enfrentamentos vivenciam no cotidiano? Existem espaços de diálogos e escuta sobre questões cotidianas? O que os adolescentes pensam sobre sexualidade, saúde, futuro e família? Diante de tais questionamentos, justificam-se a temática e o interesse pelo trabalho com um grupo de adolescentes realizado como projeto de extensão na ênfase em Psicologia Escolar e Educacional, coordenado pela Profª Drª Carmen Lúcia Reis, denominado “Trilhares: grupo de desenvolvimento e aprendizagem com adolescentes”, cuja proposta foi a criação de um espaço em que os mesmos pudessem expor, discutir e refletir assuntos que perpassam o cotidiano do adolescente.

De acordo com autores tradicionais da Psicologia, como Stanley Hall e Aberastury, a adolescência é marcada por uma série de transformações biológicas, psicológicas e sociais que ocorrem em um determinado período do desenvolvimento humano. Tais mudanças são legitimadas e valorizadas pela nossa cultura, definindo parâmetros e limites que demarcam comportamentos esperados, muitas vezes sem levar em consideração que quem as vivencia possa ter visões distintas sobre esse momento de vida, construídas a partir de sua própria experiência.

Nesse sentido, esse período do desenvolvimento pode ser entendido também como um momento de muita potencialidade, uma vez que os adolescentes do século XXI são mobilizados por questionamentos sobre uma série de aspectos que podem acarretar em grandes reflexões e modificações no seu modo de ser e de viver, tais como: autoconhecimento, valores, família, sociedade, política e crenças religiosas. Muitas vezes essa fase de dúvidas e incertezas é compreendida como “crise” que, diferente do que é posto, configura-se como uma etapa importante no processo de crescimento do ser humano, visto

que fornece elementos para um amadurecimento fisiológico, cognitivo, emocional, afetivo e social. Atualmente tem-se um número crescente de adolescentes com acesso às novas tecnologias, tais como internet smartphones e redes sociais, que oferecem uma alta influência para esse público. A partir do contato cotidiano com essas ferramentas, nota-se uma mudança nos comportamentos dos adolescentes, muitas vezes sugestionados por *youtubers* que falam sobre diversas temáticas, ditando moda e filosofias de vida, por exemplo.

Dessa forma, acreditamos ser importante possibilitar espaços para que os adolescentes expressem suas ideias, indagações, compartilhem felicidades e frustrações, bem como falem, escutem e debatam sobre assuntos que lhes são pertinentes. Nesse sentido, este trabalho apresenta um relato de experiência à luz da Psicologia Histórico-Cultural, vivenciado em um projeto de extensão na área de Psicologia Escolar e Educacional com um grupo de adolescentes, que contou com práticas realizadas a fim de criar um espaço de fala, escuta e reflexão para os participantes acerca de assuntos importantes no seu processo de desenvolvimento. Sendo assim, buscamos: definir a adolescência no mundo contemporâneo; destacar a importância de um espaço de reflexão e voz para os adolescentes, bem como a importância do grupo reflexivo; debater as contribuições das oficinas expressivas no trabalho com adolescentes, possibilitando que estes vivenciem essa etapa do desenvolvimento humano de forma salutar.

Tratou-se de uma atividade realizada no Centro de Psicologia do Instituto de Psicologia (CENPSI), do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, por meio de encontros reflexivos em grupo. Os encontros possibilitaram aos adolescentes um espaço de diálogo, no qual expunham seus sentimentos, angústias e alegrias, compartilhando com outras pessoas que vivenciavam, ou não, as mesmas situações. Em todos os casos, esses encontros contribuíram para que cada um compreendesse e experimentasse a adolescência de um modo saudável.

As ferramentas e ações utilizadas nesta experiência podem ser de grande interesse para outros profissionais que atuam com o público em questão, servindo como uma forma de incentivá-los a atuar com a criação de espaços de diálogos e reflexão para grupos de adolescentes. Na busca por trabalhos que falam sobre ações promovidas pela Psicologia e que são realizados com adolescentes, identificamos a importância de se produzir uma maior quantidade de materiais sobre o tema, uma vez que as produções encontradas nas bases de dados *Pepsic* e *SciELO* se limitam a questões problemáticas da adolescência, como atos infracionais, gravidez, entre outros. Consequentemente, esta experiência apresenta relevância científica, visto que devido a uma produção cerceada sobre os espaços de diálogo entre adolescentes, possa haver um convite para uma produção de pesquisas e relatos de experiências que possam inspirar outros trabalhos com o público adolescente, ressignificando a visão estigmatizada sobre essa fase do desenvolvimento, colaborando assim para mais investimentos voltados a esse público.

Para tanto, este trabalho inicia-se com uma breve contextualização teórica em torno do conceito de adolescência, e em sequência serão apontados os objetivos, método, as discussões, as considerações finais e as referências.

2- INTRODUÇÃO

2.1. “Adolescência: Descoberta, conhecimento e (in)dependência”

De que adolescência falamos? Como a adolescência tem sido compreendida e vivida nos dias atuais? Como os adolescentes se percebem? De que maneira autores da Psicologia têm explicado a adolescência?

Do ponto de vista das teorias tradicionais da Psicologia, a adolescência é uma fase de desenvolvimento marcada por conflitos, pautada basicamente em mudanças corporais e emocionais (Becker, 2003). Aberastury (1989) a conceitua como um período confuso, contraditório, ambivalente, doloroso e assinalado por conflitos familiares e sociais. Stanley Hall, considerado criador da Psicologia da adolescência, explica que essa etapa do desenvolvimento humano refere-se às dimensões física, emocional, cognitiva, moral e religiosa, atribuindo-as, essencialmente, a fatores biológicos, fisiológicos e genéticos. De acordo com esse autor, a adolescência é um período tipicamente marcado por tempestades emocionais, tensões, contradições e instabilidades (incluindo rápidas flutuações de humor) e nesse momento da vida ocorrem diversas e bruscas transformações físicas e mentais, os impulsos intensificam-se e consolida-se a formação da personalidade.

Erickson (1976, como citado por Bock, 2007, p. 64), por sua vez, designou a adolescência a partir do conceito de moratória e a descreveu como uma fase especial no processo do desenvolvimento, na qual há uma confusão de papéis e dificuldades para estabelecer uma identidade própria que a assinala como uma maneira de viver entre infância e adultez.

A partir do século XX, a adolescência é consolidada constituindo-se como um “problema social”, estabelecida por concepções normalizadoras e desenvolvimentistas, com o auxílio da Psicologia para explicações naturalizantes e biologizantes, que apontam a adolescência como universal, comum a todos os seres humanos em um período da vida,

constituído pelos mesmos aspectos. Essa ideia apresenta uma concepção de homem com a natureza humana inata, desconsiderando as aquisições a partir da inserção no mundo material (Outeiral,2008)

De acordo com Checchia (2010), a adolescência é vista como uma etapa em que embora o indivíduo apresente condições biológicas para a reprodução (em função da maturidade sexual) e para a produção social (resultante da maturação física e mental para trabalhar), a sociedade não reconhece integralmente sua capacidade para realizar tais atividades.

O período da vida em que o indivíduo adquire capacidade física para exercer a função sexual madura, isto é, quando ele é capaz de procriar, é denominado puberdade. Essa etapa é vista como a primeira fase da adolescência, possuindo uma duração aproximada de dois a cinco anos. É um fenômeno exclusivamente biológico, caracterizado por uma etapa de mudanças físicas estimuladas pela ação de hormônios sexuais, os quais produzem modificações corporais no indivíduo. Tais alterações são inquestionáveis e o que se modifica é a valorização e compreensão que se dá às mesmas. Entretanto, a adolescência vai muito além, tanto no tempo quanto nos efeitos (Velho, Quintana & Rossi, 2014).

Vigotski (2006/1931, como citado em Barbosa & Souza, 2015, p. 259), autor que funda a Psicologia Histórico-Cultural, apresenta uma concepção de adolescência que rompe com o modelo naturalizante, postulando-a como construção que tem como fonte o social e é qualificada como idade de transição, possuindo características singulares. Por meio dessa concepção, a adolescência é abordada como um fenômeno social, e foram realizados diversos estudos sobre esse período de desenvolvimento, considerando-o sinalizado por grandes saltos, não se confundindo com um período difícil e passageiro.

Conforme Bock (2007), a adolescência é tomada como uma fase universal, desconsiderando as diferenças entre os grupos pertencentes às distintas classes sociais devido

a diferentes formas de inserção social. Contudo, isso não é apresentado e debatido, uma vez que a adolescência está identificada como natural e comum a todos. A literatura não contribui para a compreensão de jovens de outros grupos sociais. E sim o oposto, impondo um modelo que, ao não se apresentar no processo do desenvolvimento, concebe a existência de anormalidades e patologias, ao invés de apenas diferenças resultantes das múltiplas inserções na sociedade. Seguindo esse pensamento, Leal e Facci (2014) observam que os adolescentes têm muito em comum, contudo, cada um possui também um comportamento próprio, a partir de uma relação dialética pelo contexto em que vive e suas experiências interiores.

A Psicologia Histórico-cultural apresenta uma concepção de adolescência que valoriza a defesa do desenvolvimento de potencialidades do indivíduo. Para isso, é necessário situar essa etapa do desenvolvimento humano como fenômeno histórico e social, compreendendo-a como uma construção social, um período em que a criança está a caminho de seu lugar na sociedade e no meio adulto (Leal & Facci, 2014). A adolescência vista sob tal perspectiva, deixa de ser analisada como algo natural, linear e universal, passando a ser referida a um determinado contexto espacial, temporal e social.

Ser adolescente no século XXI tem se mostrado um importante desafio tanto para os adultos, os quais precisam lidar com padrões de referência e modelos de ação no mundo muito diferente do seu, quanto para o Estado, que tem no adolescente um problema central em termos de formação, inserção no mercado de trabalho, sexualidade, saúde, segurança, consumo e família. Além disso, o próprio adolescente precisa lidar com um mundo adulto que lhe dá poucas referências e modelos que muitas vezes são confusos, ambíguos e contraditórios. Sendo assim, o adolescente se vê obrigado a praticamente criar referências e construir formas de ser em um mundo contemporâneo (Ribeiro et al, 2016).

Diante desta discussão a respeito da contextualização teórica sobre a adolescência e os diversos conflitos vivenciados durante essa fase do desenvolvimento, o capítulo a seguir apresenta a proposta de um trabalho realizado com um grupo de adolescentes.

3 – TRILHARES: adolescência, aprendizagem e desenvolvimento

A experiência a seguir resulta da minha participação no projeto de extensão, “Trilhares: adolescência, aprendizagem e desenvolvimento”, relativo à ênfase em Psicologia Escolar e Educacional, idealizado e coordenado pela Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Reis, docente do Núcleo de Psicologia Escolar e Educacional do Curso de Graduação em Psicologia da UFU, realizado no período entre agosto a dezembro de 2018.

O objetivo do projeto de extensão Trilhares foi realizar grupos reflexivos com adolescentes, utilizando as contribuições da Psicologia e das Artes para a formação do indivíduo, a partir da discussão de temáticas pertinentes a esse momento da adolescência, tais como: identidade, saúde, sexualidade, futuro, escola, escolha profissional e outros.

A proposta inicial foi desenvolver as ações do referido projeto em uma escola da rede pública de ensino da cidade de Uberlândia/MG. Contudo, visando atender as manifestações de interesse do público adolescente em resposta à divulgação realizada nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*, bem como acolher aqueles que aguardam na lista de espera do Centro de Psicologia (CENPSI) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, as atividades deste projeto aconteceram no espaço do CENSPI, que é integrado ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Em um primeiro momento, realizamos entrevistas iniciais a fim de conhecer o adolescente e compreender os motivos que o levaram a se interessar em participar do grupo, assim como explicar como este funcionaria. Posteriormente, o grupo foi formado sendo

coordenado por duas estudantes que cursavam a partir do 8º período do curso de Graduação em Psicologia/UFU.

As ações foram desenvolvidas em seis encontros quinzenais com duração de 100 minutos cada. O grupo foi composto por seis participantes com idade média de 15 anos, estudantes de escolas da rede pública e privada de ensino. A partir das demandas apresentadas pelos adolescentes interessados, foram pensadas temáticas que seriam pertinentes para o trabalho com os integrantes, tais como adolescência/identidade, futuro/escola, família, saúde e sexualidade. O último encontro foi destinado ao fechamento e a avaliação do trabalho.

Para alcançarmos os objetivos propostos, utilizamos como metodologia as oficinas com recursos expressivos que dizem respeito a um espaço que deve favorecer a criação e a expressão de ideias e sentimentos em relação aos temas propostos. Elas propõem um trabalho que assimila as linguagens verbais e não verbais, podendo facilitar o contato, a comunicação e a integração dos participantes. No desenvolvimento das oficinas, ao dar materialidade ao que é difuso pelo manuseio e experimentação de materiais diversos no trabalho de exploração, cada indivíduo poderá despertar a singularidade do seu ser. As transformações externas provocadas pelo contato com materiais expressivos podem gerar possibilidades de transformações internas (Gomes, 2005). As oficinas expressivas foram coordenadas por duas estudantes/extensionistas do curso de Psicologia, responsáveis pela organização e pela elaboração dos registros referentes ao desenvolvimento das atividades e a participação de cada presente. Tais registros serviram como fonte de avaliação da oficina, visando contemplar o alcance dos objetivos. Estas oficinas comparecem como uma possibilidade de retomar, ampliar e aprofundar os posicionamentos e as questões apresentadas pelos participantes e possibilitam promover a reflexão a respeito de temas importantes na formação profissional do adolescente e do psicólogo, articulando teoria e prática.

No decorrer das oficinas, os adolescentes encontram recursos que possibilitaram o desenvolvimento da capacidade de se expressar por linguagens plásticas, musicais, e corporais, utilizando-se da dramatização e do contar histórias despertando as potencialidades pessoais, possibilitando o autoconhecimento e crescimento pessoal. Na realização das oficinas, ao tornar real aquilo que é indefinido pelo manuseio e experimentação de materiais variados no trabalho de exploração, cada pessoa é capaz de despertar a singularidade do seu ser (Gomes, 2005).

3.1 –Conhecendo o grupo, criando vínculos e construindo ideias

Como proposta inicial das oficinas, com a finalidade de promover a integração entre os participantes do grupo e pensando em compartilhar com os adolescentes presentes a estrutura dos encontros, estes foram planejados em dois momentos: no primeiro, recorreremos à dinâmica denominada “Balaio de Bugangas” que consiste na apresentação dos participantes presentes a partir de um objeto escolhido dentre vários expostos em uma mesa. O objetivo foi criar uma maneira descontraída e lúdica que possibilitasse conhecer um pouco sobre cada adolescente. Em seguida, abrimos espaço para reflexão sobre o que representava para cada um ser e viver a adolescência na atualidade.

José¹ foi o primeiro a se apresentar e escolheu um carretel de linha. De acordo com a sua fala, tal objeto é capaz de unir qualquer coisa, por mais separado que esteja e ele se considera uma pessoa capaz de unir coisas e pessoas. Nicolas usou um copo plástico alaranjado para contar um pouco de si e contou que escolheu tal objeto pela possibilidade de enxergar as situações, uma vez que um copo pode ser visto por alguns como meio cheio e por outros como meio vazio. Ele acredita que consegue olhar para as circunstâncias de diferentes formas, considerando-se otimista e enxergando-o sempre “meio cheio”. Rita se apresentou por meio de um gato de pelúcia e nos contou que gosta de coisas fofinhas. Pedro escolheu um

¹Ressaltamos que os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, a fim de preservar a identidade dos adolescentes.

cubo mágico dentre os demais objetos por acreditar que para montá-lo é preciso determinação e foco, características que ele reconhece em si, pois se considera uma pessoa determinada para alcançar os objetivos a que se propõe. Paula escolheu uma estrela para se apresentar e nos falou que se sentia bem ao parar sua rotina e observar o céu, especialmente à noite, pois tem apreço pela luz da lua. Luana se apresentou a partir de um trançado de penas dizendo-nos que possui descendência indígena e as penas remetem aos ancestrais. Por fim, Júlia escolheu um cabide para representá-la. Contou que teve dificuldade ao escolher o objeto, mas o fez devido à sua paixão por moda, que está sempre atenta às novidades e que possui um estilo próprio.

Após o primeiro momento destinado às apresentações, iniciamos a segunda parte da oficina. A proposta era criar uma forma lúdica e dinâmica que convidasse o grupo a pensar sobre “O que é ser e viver a adolescência na atualidade?”. Para isso, solicitamos aos participantes que escrevessem em um pedaço de papel três palavras que para eles respondesse a pergunta dada. Em seguida, pedimos que dobrassem o papel com as palavras escritas e o colocassem dentro de um balão. Feito isso, convidamos os adolescentes para brincarem com esse balão, jogando-o para o alto, trocando-o com os colegas e que estivessem atentos porque os balões não poderiam cair no chão. Após um breve período dessa brincadeira, pedimos que cada um segurasse o balão que estava em suas mãos a fim de estourá-lo. Em seguida, o grupo foi convidado a ler, escolher apenas uma das palavras escritas no pedaço de papel e explicar ao grupo o motivo da escolha. Apareceram palavras/expressões como “tecnologia”, “um pouco chato”, “mundo da lua”, “conhecimento”, “descobrimento”, “gente legal” e “independência”. Enquanto cada um falava, surgiram assuntos como a pressão que eles sentem em relação aos estudos e futuro; sobre a aparência, a cobrança e julgamento existentes em cima disso. Também foi falado sobre as vantagens e desvantagens do uso tecnologia,

como o acesso aos smartphones e, conseqüentemente, a informações, bem como a utilização das redes sociais na adolescência contemporânea.

Os participantes se dividiram em duas duplas e um trio, conforme a semelhança entre o sentido das expressões. Utilizando massinhas de modelar como recurso, fizeram uma representação sobre o significado das palavras para eles. Ao final da atividade, obtivemos as seguintes criações:



Produção de Rita e Pedro



Produção de Luana e Paula



Produção de Júlia, José e Nicolas

Pedimos para que cada dupla explicasse o significado de suas representações e à medida que iam contando, foram surgindo discussões acerca das compreensões sobre essa etapa da vida. Nesse momento, notou-se um movimento entre os participantes de compartilhar angústias e refletir sobre diferentes aspectos da adolescência.

Pedro e Rita representaram as expressões “mundo da lua” e “tecnologia” com dois *Iphones*, relatando o excesso de recursos tecnológicos e a dificuldade em manter relações

devido ao tempo que as pessoas passam conectadas aos seus *smartphones*. Rita conta que os momentos de reunião com os colegas são sempre permeados pela presença dos aparelhos: “Quando saímos, tenho que ficar falando a todo momento para eles saírem do celular, às vezes me sinto mal porque ninguém está ali de verdade. Quando estou sozinha prefiro meus livros do que o celular”. Então teve início uma discussão sobre o desejo que se tem atualmente de registrar e postar todos os momentos, muitas vezes esquecendo de vivenciá-los. De acordo com Kraut (1998, citado por Assunção & Matos, 2014, p. 541), o aumento constante no uso da internet tem de fato dado origem a uma intensa discussão acerca do seu impacto no ajustamento social. Alguns estudos têm evidenciado as repercussões desse modo de comunicação na vida dos adolescentes, sendo o principal argumento o de que a internet afetará a vivência genuína das relações, resultando no empobrecimento da participação na vida social.

Para representar as “pessoas chatas” e “gente legal”, Paula e Luana fizeram um planeta Terra, construindo a ideia de que no mundo existem indivíduos diferentes em suas formas de ser, agir e pensar e que nem todas as pessoas são legais ou chatas durante toda a vida, assim como os adolescentes, os adultos e crianças também passam por momentos nos quais são “chatos” ou “legais”. Então, Júlia abriu a discussão sobre o julgamento das outras pessoas e contou que já sofreu muito com isso. “Já fui taxada de muitas coisas por pessoas que nem me conheciam. Me deixa triste porque na maioria das vezes são opiniões negativas e erradas.”. Nicolas, por sua vez, contrapôs dizendo que não se importa tanto com a fala de outras pessoas, uma vez que ele faz uma autoanálise de si e percebe que não é aquilo que dizem.

Por fim, a última produção a ser compartilhada pelo grupo nos remeteu ao descobrimento do Brasil, uma vez que encenavam as palavras “conhecimento”, “descobrimento” e “independência”. Nicolas, Júlia e José modelaram índios nativos, negros africanos e portugueses fazendo um comparativo entre o período do desenvolvimento e a

chegada dos portugueses no Brasil, visto que a adolescência é uma fase na qual se tem acesso a uma diversidade de pessoas e informações e a partir do acúmulo dos novos conhecimentos emerge um novo sujeito. Apresentaram também a independência do Brasil como um marco histórico muito importante, ressaltando o quanto a busca da liberdade é valiosa para os adolescentes.

Ao final do encontro, os participantes relataram que se sentiam acolhidos e, na medida em que a conversa acontecia, perceberam que todos partilhavam de vivências semelhantes. Por meio das palavras escolhidas pelos participantes e pelas produções, notamos que o grupo utilizou de elementos que explicavam a adolescência e as maneiras de compreender esse momento a partir de um olhar que reafirma os conflitos, dúvidas, oscilações de humor, o não saber o que fazer, caracterizado pela necessidade de ser como os outros, marcado indefinição e descobertas importantes para definição da identidade. Consideramos que todas as características trazidas pelos participantes podem compor esse período, mas denotam uma naturalização e não reflexão sobre o contexto e a história de vida do adolescente, uma vez que cada um tem uma maneira de ser adolescente e de viver a adolescência. As declarações apresentadas pelo grupo nos remeteu à importância de compreender em que contextos acontecem tais vivências, sentimentos e modos de se relacionar.

As temáticas mais recorrentes e que renderam maior tempo de debate foram o uso da tecnologia, seus benefícios e malefícios, o receio do julgamento das outras pessoas e as descobertas que ocorrem durante esse período, em diversos aspectos do desenvolvimento. Tais discussões se relacionam a temáticas recentes ao cotidiano dos adolescentes e são vinculadas ao contexto socio-histórico ao qual se inserem. Beserra et al. (2016) considera que com o avanço nos meios modernos de comunicação, as formas de interação entre os adolescentes passaram, nas últimas décadas, por uma verdadeira revolução. A introdução de

novas tecnologias de informação e comunicação, tais como a internet e telefones móveis, modificou a maneira como o dia a dia dos jovens é conduzido.

Os encontros seguintes haviam sido pré- planejados com temas específicos, sendo eles futuro/escola, família, saúde e sexualidade. Na finalização da primeira oficina foi falado aos participantes sobre os conteúdos, questionados se gostariam de incluir ou retirar algum deles, todos concordaram em manter as temáticas anunciadas. Apresentaremos a seguir as experiências obtidas a partir de cada assunto supracitado. Os títulos das sessões correspondem a trechos de falas dos adolescentes que emergiram durante os encontros.

3.2 – Futuro: “quero ser um grande físico e descobrir mais sobre o mundo...”

Para iniciar os temas abordados durante as oficinas, falaremos sobre a perspectiva de futuro, envolvendo tanto o futuro pessoal quanto o profissional dos adolescentes. Tal assunto é capaz de desencadear questionamentos e angústias, alguns são capazes de lidar melhor com as questões das escolhas, enquanto outros enxergam essa fase como uma das mais desafiadoras da vida.

Nesse encontro foram utilizadas cartas de baralho do livro “Profissão Futuro” de Frota, Ribeiro e Seregatte (2016) que contém perguntas diversas acerca de assuntos pertinentes ao cotidiano adolescente, com a finalidade de gerar discussões e reflexões sobre temas nem sempre abordados. Visto que o objetivo dessa oficina foi trabalhar questões voltadas ao futuro pessoal e profissional dos estudantes, separamos do baralho apenas as cartas que tratavam sobre tais conteúdos. Os cartões foram dispostos no chão de modo que as perguntas não pudessem ser lidas pelos integrantes. Sentados em círculo, cada um retirava uma carta, lia a pergunta em voz alta e a respondia, e posteriormente era aberta ao grupo a possibilidade de resposta também, acarretando em uma discussão interessante, com diferentes olhares a partir de um mesmo tema.

Nas cartas apareciam questões sobre o modo de vida, condição financeira e os sonhos de cada um para o futuro. Durante a discussão, os adolescentes se viam obrigados a pensar em situações como “Quem você gostaria de ter ao seu lado daqui 5 ou 10 anos?”, “Qual legado você gostaria de deixar para o mundo?”, “Quanto você deve ganhar para manter ou melhorar o seu padrão de vida?”. Algumas eram respondidas com mais facilidade, outras exigiram mais tempo para pensar e elaborar seus planos sobre o futuro.

José contou que tem um sonho de ser o novo Stephen Hawking para terminar a obra do físico e descobrir mais sobre o mundo. “Eu gostaria que as pessoas se interessassem mais pela Física, sobre a participação dela no nosso dia-a-dia e a explicação que ela dá sobre o universo.” Já Rita disse não conseguir pensar em algum curso de graduação que a agrade, “Eu sinto uma pressão muito grande lá de casa e de mim mesma pra escolher um curso e uma profissão pra mim. Eu sei que a minha mãe já passou por dificuldades e ela quer tudo diferente pra mim, mas eu mesma não queria estudar não.” Paula expôs que se sente muito nova para pensar no futuro e que refletir sobre isso a deixa um pouco inquieta, pois ela não vê perspectiva e não imagina algo que queira fazer.

De acordo com Oliveira, Pinto e Souza (2003), o adolescente se vê desafiado a definir um projeto de futuro diante de um processo de conquista de autonomia e para ele o futuro se coloca como uma interrogação na qual o presente é objeto de frequente questionamento. Ele está imerso no campo das virtualidades, o que o move à reflexão acerca do que pode vir a ser, buscando integrar suas experiências passadas, desenvolvendo a consciência de ser autor de seu próprio destino. A velocidade das transformações sociais, as incertezas econômicas globais e os avanços tecnológicos são fatores que contribuem para transformações marcantes, principalmente no mundo do trabalho na atualidade, tornando as escolhas do âmbito profissional difíceis para os jovens. Talvez, pela complexidade das escolhas, essa fase é

marcada por incertezas e dúvidas, sendo que muitos adolescentes se sentem confusos e inseguros para estabelecer opções.

No decorrer da oficina, uma das cartas questionava quais pessoas os participantes gostariam que estivessem próximas a eles daqui 5 ou 10 anos, e então José trouxe um conceito de família que ele deseja ter por perto. “Eu acho que família não é necessariamente só a de sangue, eu penso que os meus amigos são minha família também e as pessoas da família que eu tenho mais afeto, são eles que quero perto de mim no futuro.” Para ele, família são pessoas pelas quais se possui carinho e afeição. Contou também que acha que não conseguiria morar sozinho. Já Rita falou sobre a vontade de ter a própria casa e que só consegue pensar na irmã e mãe como pessoas que deseja ter próximas em alguns anos. “No futuro eu me imagino morando sozinha, na minha casa com uma biblioteca própria. Tenho vontade também de construir uma biblioteca popular, porque eu acho que a leitura é o único caminho para as pessoas”. Disse que quer ser reconhecida por ler a maior quantidade possível de livros no prazo de um ano, ao passo que demonstra grande dificuldade em pensar um legado para a posterioridade e algo que fizesse as pessoas se lembrarem dela.

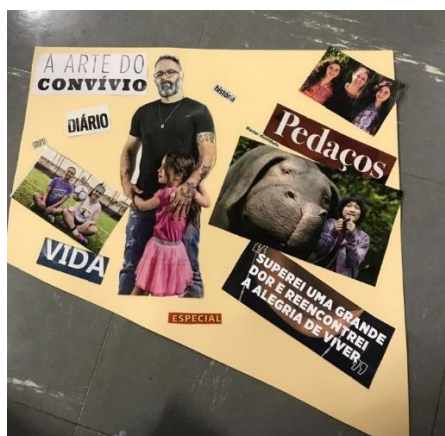
Outro assunto que gerou uma grande reflexão nos adolescentes foi relacionado ao conhecimento sobre finanças. A carta do baralho perguntava quanto eles deveriam ganhar para conseguir manter o padrão de vida ou melhorá-lo, então Paula demonstrou uma grande surpresa ao pensar em todos os gastos que possuía. Instigada a refletir sobre gastos corriqueiros e que muitas vezes não são percebidos, ela não foi capaz de colocar em valores o que precisaria para manter o estilo de vida que possui atualmente. “Meu Deus!! É muita coisa! Tem que pagar a escola, a viagem de final de ano, comprar comida, roupa...eu não sei quanto eu preciso ganhar para pagar tudo”. Em contraponto, José conta que sua família não possui uma renda muito alta, mas que é possível viver bem com o que recebem. “Nós vivemos bem, não falta nada lá em casa”.

Paula, ao final do encontro, destacou que ainda está pensativa sobre a questão financeira para o futuro. O restante do grupo ressaltou a importância da dinâmica com o baralho, uma vez que fez com que eles pensassem em suas próprias vidas e desejos para o futuro.

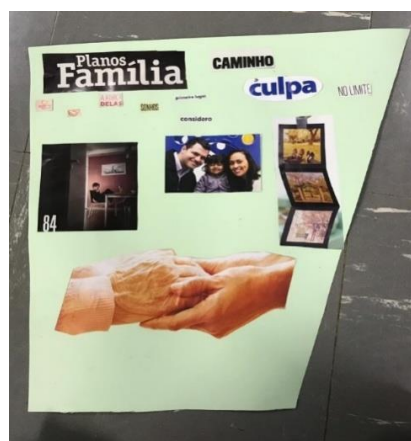
3.3 – Família: “Dificuldade de conviver, diferenças e manter identidade...”

Sabe-se da importância que o núcleo familiar exerce na vida do indivíduo durante todo o seu desenvolvimento, é ela que estabelece as primeiras relações afetivas e sociais do sujeito, bem como os contextos nos quais ocorrem a maior parte das aprendizagens iniciais. Essas primeiras experiências e aquisições exercem uma grande influência no desenvolvimento da personalidade dos adolescentes (Dessen & Polonia, 2007).

A proposta para trabalhar a temática consistiu na apresentação de duas músicas que abordavam o assunto (“Família – Titãs” e “Pais e filhos – Legião Urbana”). Nessa oficina apenas Paula e Júlia compareceram, dessa forma foi orientado às participantes que fizessem uma colagem, utilizando revistas, a partir da pergunta disparadora “O que é família para você?”. Não foi instruído para que falassem da própria família, contudo ambas retrataram cenas de suas rotinas familiares, conforme as imagens:



Produção da Júlia



Produção da Paula

Ao contarem sobre o que haviam produzido, ambas falaram sobre as pessoas que faziam parte do contexto familiar delas. Júlia mencionou que mora com os pais, a irmã, a avó e a cachorrinha. Já Paula mora somente com os pais, pois a se casou há pouco tempo e foi morar em sua própria casa. Durante a discussão se fizeram presentes conteúdos pertinentes ao relacionamento, proximidade e conflito com os pais. Júlia e Paula relataram que possuem um relacionamento melhor e mais próximo com a mãe. A primeira mencionou que já teve muitos conflitos com a mesma, mas que se resolveram e hoje ela possui liberdade para falar sobre qualquer assunto com a mãe. “O meu pai é mais fechado, sabe? É muito fácil sair briga. Com a minha mãe eu acho que tenho mais abertura para falar de qualquer assunto”. Diferente do seu relacionamento com o pai, que é preciso manejo para não gerar discussões e brigas. “Às vezes eu pergunto pra minha mãe porque ela não separa dele. Acho que ela seria mais feliz. Ele é sem educação e grosso com ela”.

Segundo Macedo e Conceição (2015), o diálogo entre pais e filhos é fundamental para garantir esse espaço de pertencimento e continência aos adolescentes. Mas uma visão estereotipada do adolescente numa perspectiva negativa distancia os membros do grupo familiar em vez de aproximá-los para a resolução de conflitos. Para Pratta e Santos (2007), a ausência de diálogo no contexto familiar pode acarretar ou, em certos casos, acentuar algumas dificuldades, principalmente em termos de relacionamento, podendo afetar até mesmo o bem-estar e a saúde psíquica dos adolescentes.

Tanto Paula quanto Júlia relataram que são filhas mais novas e que se sentiram muito sozinhas quando as irmãs mais velhas saíram de casa ou começaram a namorar. Paula ressaltou ainda que sente um tratamento diferente dos pais com ela e a irmã (com quem possui uma grande diferença de idade). “Eu senti e ainda sinto muita falta da minha irmã. Eu gostava e “tava” acostumada a ter ela sempre lá em casa. Acho também que meus pais me tratam diferente, parece que têm mais cuidado comigo.” Júlia contou que sempre foi muito próxima à

irmã e desde que a mesma começou a namorar, elas se afastaram. “A gente sempre saía junto, mesmo com a diferença de idade. Mas aí ela conheceu o namorado e então faz mais coisas com ele agora. Eu sinto falta dela às vezes.”.

As garotas compartilharam também indignações quanto ao modo de funcionamento junto à família extensa, pois sentem que seus pais são sobrecarregados com funções que não são apenas deles, como por exemplo, cuidar dos avós. Júlia conta que seu pai possui irmãos, mas a responsabilidade de cuidar do avô cai somente sobre ele. “Teve uma vez que o meu pai “tava” viajando e meu avô passou mal e precisou ir ao médico. Ligaram para ele e ele teve que voltar de viagem!!! E meu avô tem uma namorada também, mas ela não ajuda em nada, só quer o dinheiro dele”. Paula também conta sobre a avó que exige sempre a presença da família. “A gente tem que almoçar todo domingo na minha avó. Se os meus tios não forem, tudo bem. Mas se meu pai não quiser ir ela briga com ele.”.

No encerramento da oficina, Júlia falou que havia gostado muito de conversar sobre essa temática, visto que permitiu que ela ampliasse o olhar sobre o significado de família.

3.4 –Sexualidade: “Discutir abre portas e quebra tabu’s...”

Uma das maiores preocupações de pais e familiares quando a criança passa pela puberdade e se torna um adolescente é a sexualidade. Em nossa sociedade existe uma problemática para se discutir sobre o assunto, uma vez que ainda é um tema tabu, por sua vez, é uma temática de extrema importância tanto no âmbito da saúde quanto do próprio autoconhecimento do adolescente.

A elaboração desse encontro foi realizada com bastante cautela pelas coordenadoras e professora orientadora, uma vez que o Brasil passava por um importante momento político no qual assuntos relacionados à sexualidade foram constantemente distorcidos e apresentados como negativos para crianças e adolescentes, considerados assuntos proibidos para esse

público. Sendo assim, optamos por um formato mais estruturado e informativo, abrindo espaço também para discussões e questionamentos. Para iniciar a conversa, foi solicitado que os participantes escrevessem em um pequeno papel sem identificação, o que o termo sexualidade significava para eles. Em seguida, todas as respostas foram colocadas em um mesmo pote para serem lidas e discutidas com todo o grupo. Como resultado, apareceram “Não é uma escolha”, “É uma escolha”, “Gênero”, “Não deve ser discutido e “Orientação sexual”.

Enquanto as respostas eram lidas e discutidas, utilizamos também uma apresentação em *power point* contendo informações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e Ministério da Saúde acerca dos temas trabalhados. Durante a conversa explicamos a diferença entre identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico, bem como falamos sobre a sexualidade em si, como a busca por afeto, carinho e contato físico, que é relacionada ao prazer, mas não ligada somente ao ato sexual reprodutivo e sim a pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também na saúde física e mental do adolescente. Foi discutida a importância de conhecer o próprio corpo, respeitando as vontades e limites próprios e das outras pessoas, evitando assim assédio e abuso durante qualquer fase da vida.

Sexualidade é:

- O que nos motiva a buscar afeto, carinho, contato físico.
- Tem a ver com sentimentos de satisfação de prazer.
- Cada pessoa vive a sexualidade de um jeito diferente e varia ao longo do tempo.
- Faz parte da vida de todas as pessoas independente da idade que elas têm.
- Diz respeito ao nosso corpo, nossa história, nossas relações afetivas e nossa cultura.
- É bem mais que sexo, uma simples parte biológica de nosso corpo que permite a reprodução.
- A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.

Sexualidade faz parte de nossa vida desde que nascemos.

É expressão de afetividade.

Cartilha “Cá entre nós”, 2012, Prefeitura de São Paulo. Secretaria da Educação

Slide utilizado durante a oficina

Ao final havia um jogo sobre mitos e verdades contendo assuntos pertinentes ao tema já discutido, tais como: “as mulheres são fisicamente mais frágeis que os homens. Por isso vão mais ao médico” e “os homens como seres humanos tem sentimentos e o direito de expressá-los”. O objetivo foi, apesar da estrutura mais formativa, criar um espaço para ampliar a conversa e verificar o que os adolescentes haviam assimilado durante o encontro.

Mostrou-se interessante o envolvimento de José e Nicolas, ambos falaram bastante sobre a necessidade da existência de conversas sobre temas que ainda são colocados como tabu na sociedade, e que só a partir de espaços de debate seria possível romper com tais pensamentos. José ressaltou ao final do grupo a sua indignação com o atual momento político do Brasil: “Eu fico triste com esse movimento que tá acontecendo de inventar um monte de mentiras para diminuir ainda mais os espaços de discussão desse tema. Eu só pude discutir sobre isso agora, com 17 anos, e isso me chateia”. Já as meninas permaneceram a maior parte do tempo em silêncio concordando apenas com gestos e, quando solicitadas a falar, apresentavam dificuldade em pensar ou expressar seus pensamentos sobre a sexualidade.

A sexualidade é mais abrangente, muito mais ampla do que somente a questão do sexo e da relação sexual. Em pesquisas realizadas no Brasil, pais relataram que o período mais preocupante é a puberdade/adolescência, pois nele há o despertar da energia sexual. Contudo, ao contrário do que se pensa, a sexualidade não aparece na fase da adolescência, ela está presente toda vida desde o nascimento. Durante a adolescência as manifestações da sexualidade são ampliadas. A sexualidade é a expressão de afetividade e contribui para o bem-estar e a autoestima, envolvendo o corpo (parte biológica) e mente (parte psicológica) (Sodelli,2013).

A adolescência consiste em um período de descobertas das próprias limitações, de curiosidade por novas experiências, caracterizada pela necessidade de integração social, pela busca da independência individual, do desenvolvimento da personalidade e definição da

identidade sexual. Além disso, pode-se dizer que o adolescente é mais do que um corpo em desenvolvimento e, dessa forma, diversos outros aspectos devem ser considerados, como o crescimento emocional e intelectual, as relações interpessoais, a vivência da afetividade e sexualidade, entre outros (Aberastury & Knobel, 1989).

3.5 – Saúde: “Minha mãe é muito chata com isso de comida (...) Eu sei que é importante!”

Questões de saúde também são motivos de inquietação para os pais quando os filhos entram na adolescência. Nessa fase as preocupações com a autoimagem aumentam consideravelmente, podendo desencadear transtornos alimentares entre tantos outros. O uso de drogas e gravidez nesse período também geram angústia aos familiares. Portanto, essa foi a última temática escolhida para as oficinas desenvolvidas nos encontros promovidos pelo projeto de extensão Trilhares.

O conceito de saúde tem uma longa trajetória. Desde que foi adotada a noção de ausência de doenças até a inclusão da dimensão psicológica e social pela OMS em 1974, cada vez mais abriu-se espaço para críticas e reflexões em torno da complexidade do processo saúde-doença. É possível compreender a saúde a partir de uma perspectiva de um processo qualitativo que integra corpo e psique numa relação inseparável e complexa. Como todo processo humano, a saúde é um processo cultural e histórico cujas exigências mudam à medida que a sociedade também se transforma. Ou seja, não se trata de um estado estático, mas requer a participação ativa e consciente do indivíduo na qualidade de “sujeito do processo” (González Rey, 2004).

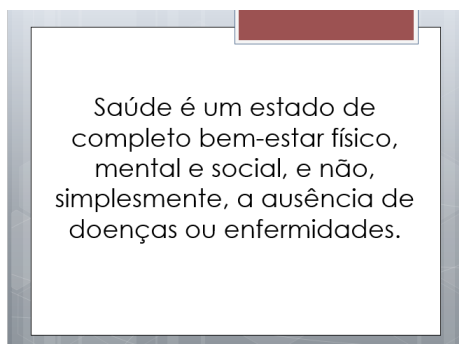
De acordo com Lyra et al. (2002) e Muza e Costa (2002), a transitoriedade atribuída à adolescência fortalece a ideia dominante nos serviços de saúde, associada à crise e rebeldia. Assim, os adolescentes são tratados e vistos como geradores dos problemas de ordem social

que precisam ser contidos. Pouco se destaca a adolescência numa perspectiva mais positiva ou mais otimista e a ênfase recai sobre o paradigma do risco: risco de gravidez, risco de abuso de álcool e outras drogas, risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis.

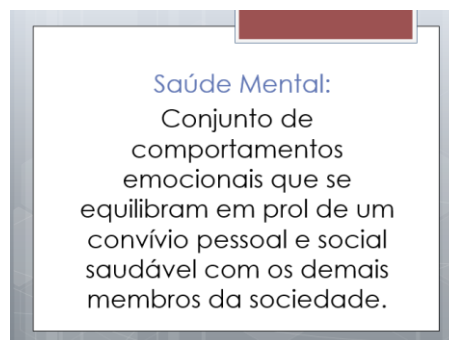
Conhecer a percepção dos adolescentes acerca dos sentimentos presentes nessa fase e sua relação com o consumo de álcool e suas consequências é particularmente relevante para a implementação de políticas públicas de prevenção e combate ao consumo de bebidas alcoólicas, especialmente porque esse grupo encontra-se em pleno crescimento e desenvolvimento físico e mental e os danos causados pelo álcool podem ser irreparáveis (Sampaio, et al, 2010).

O encontro em que abordamos essa temática contou com a participação de apenas uma adolescente, Paula. Cabe destacar que ao decorrer dos encontros alguns adolescentes justificaram a não continuidade na participação dos grupos em função de atividades escolares e ingresso no programa Jovem Aprendiz. Uma vez que Paula estava sozinha, contamos para ela o que havia sido programado para o dia e foi apresentada a possibilidade da troca de tema, caso ela não se sentisse à vontade para falar sobre o que fora pensado, entretanto, Paula concordou em discutir questões relacionadas à saúde. Assim como o grupo anterior esse também foi construído de modo mais estruturando, contando com o uso de uma apresentação em *Power Point*, pensando em facilitar o entendimento dos adolescentes.

Iniciou-se o grupo com a apresentação dos conceitos de saúde, saúde mental, transtornos alimentares (Anorexia, Bulimia, Vigorexia, Ortorexia, Compulsão alimentar e Transtorno alimentar noturno) foram discutidos ao longo da oficina e, por fim, foram exibidas algumas reportagens sobre a saúde dos adolescentes, notícias que abordavam a preocupação com o que tem sido feito para cuidar ou não da saúde por indivíduos nessa faixa etária.



Slide sobre conceito de saúde



Slide sobre o conceito de saúde mental



Slide com manchetes de notícias

Paula contou sobre a influência da mãe na alimentação dela, controlando-a: “A minha mãe é muito chata com essa coisa de comida, sempre fala pra eu colocar mais salada no prato e não “deixa eu” comer muita bobeira. Eu sei que é importante, tem amiga minha que em casa tem pastel no almoço, também não gosto disso, eu prefiro arroz e feijão (dá risada)”.

Ela também falou da prática de exercícios e que há algum tempo participa de aulas de vôlei, esporte que gosta bastante, contudo, ultimamente não tem sentido vontade de ir aos treinos, por causa das novas colegas de classe. “Eu sempre gostei muito do vôlei, mas agora eu mudei de turma e as meninas são mais velhas...elas acham ruim quando eu erro, me excluem...então não sinto mais tanta vontade de ir na aula como antes”. Quando iniciamos a abordagem sobre transtornos alimentares, Paula ficou inquieta e não compreendeu como as pessoas podem possuir uma imagem tão distorcida do próprio corpo e a partir de diálogos reflexivos sobre os padrões de beleza exigidos pela sociedade e consequentemente a pressão

feita por ela, Paula nos dá o exemplo de uma tia que está acima do peso “Eu tenho uma tia que sempre foi gordinha e a minha família fala muita coisa pra ela, manda ela emagrecer o tempo todo...agora ela tá com depressão”. Após esse comentário, ela ficou assustada com os outros transtornos que foram trabalhados durante o encontro, mas disse que não se preocupa: “Eu não me vejo passando por essas coisas, não tenho problema com comer muito ou pouco, acho meu corpo normal, então não é uma preocupação pra mim”.

Durante uma busca por ações realizadas com grupos de adolescentes, foi encontrada uma série de trabalhos voltados à gestação durante esse período da vida. Enfatizando que as ações voltadas à saúde integral dos adolescentes por vezes assumem um caráter moral e regulador, que visa o resgate dos adolescentes e jovens de sua inconsequência e ignorância. Exemplos disso são as ações voltadas ao controle da gravidez precoce e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), cuja abordagem enfoca o risco e a vulnerabilidade. Dessa forma, momentos em que há discussões e esclarecimentos sobre o tema são extremamente importantes para que os adolescentes cuidem de si de forma consciente (Macedo & Conceição, 2015).

3.6 – Trilhares: “Descoberta de coisas novas e de forma leve...”

Para o último encontro do grupo Trilhares, foi proposto que em conjunto os adolescentes produzissem uma história em quadrinhos que contasse cada tema desenvolvido durante o semestre, construindo assim uma trajetória sobre o que havia sido o Trilhares para eles. Para a realização de tal atividade disponibilizamos papel e canetinhas. Nesse dia apenas Júlia compareceu. Antes de iniciar a produção foi feita uma retrospectiva de cada um dos encontros e os assuntos abordados neles, relembando temas importantes que emergiram e as dinâmicas realizadas a cada reunião. Sobre os dias em que Júlia não havia participado, nós,

coordenadoras, contamos como havia sido a discussão e a contribuição de cada participante para o andamento do grupo.

No quadrinho destinado à representação do primeiro encontro Júlia desenhou todos os adolescentes sentados em círculo com os objetos escolhidos para que cada um se apresentasse ao grupo. Logo ao lado, foi escrito o que entendiam por adolescência, representada pela escultura nas massinhas de modelar. No segundo quadrinho foram desenhados bonecos, representando os participantes, e logo à frente estavam as cartas utilizadas nesse dia, juntamente com as frases sobre o futuro que surgiram durante o trabalho. O terceiro quadrinho foi destinado ao encontro no qual o tema discutido havia sido família e, por isso, Júlia desenhou aquilo que ela havia representado na colagem que fizera. Para simbolizar o quarto encontro, escreveu-se a palavra sexualidade centralizada no quadrinho e ao redor da mesma foram colocadas expressões que apareceram durante o grupo e compunham a discussão acerca do tema. O quinto encontro foi marcado pelos transtornos alimentares, dessa forma, no quadrinho foi colocado uma pessoa com anorexia se olhando no espelho e do outro lado um indivíduo praticando atividades físicas. Por fim, representando o último encontro, Júlia teve a ideia de nos desenhar enquanto construíamos a história em quadrinhos, com uma visão de cima.



Após a conclusão do desenho perguntamos à Júlia como havia sido para ela participar do grupo durante o semestre. Ela nos contou que o trabalho desenvolvido ali havia contribuído muito para o desenvolvimento dela. “Eu achei muito legal ter esse espaço pra poder falar sobre os assuntos que não falamos sempre. Claro que conversamos entre amigos, mas poder falar aqui, escutar os outros e ser escutado foi muito bom. Eu consegui pensar de outros jeitos sobre a minha família, por exemplo, e também sobre a sexualidade.” Terminou sua fala dizendo que havia descoberto coisas novas de uma forma leve e agradecia muito por isso. Também pediu para que os encontros fossem semanais, pois teriam a chance de abordar mais assuntos, e pediu para que avisássemos caso o projeto fosse continuar no ano seguinte.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a importância da criação de espaços que possibilitem ao adolescente diálogos e reflexões acerca de temáticas que perpassam o cotidiano deles, baseado em um relato de experiência em um projeto de extensão. Pensar em estratégias que possibilitaram ampliar o diálogo e o acolhimento de questões importantes aos adolescentes durante essa etapa do desenvolvimento se faz cada vez mais pertinente no trabalho do psicólogo, uma vez que os sujeitos estão diante de um período assinalado por uma série de mudanças, inseguranças e pressões, período este marcado, muitas vezes, pela falta de um ambiente que propicie acolhimento e legitimidade aos sentimentos que afloram.

Nesse sentido, por meio deste relato de experiência percebemos que a elaboração de um espaço para a discussão de conteúdos pertinentes ao cotidiano dos adolescentes na contemporaneidade, como forma de cuidado e acolhimento, se destacou como uma importante ferramenta frente às questões vivenciadas por estes em diversas esferas da vida, tais como: futuro, sexualidade, família, saúde, entre outras.

A partir das experiências relatadas, compreendemos a potência das ações realizadas em grupos com adolescentes enquanto promotora de um espaço de diálogo, aprendizagem, reflexão e acolhimento. As oficinas expressivas possibilitaram que os participantes externalizassem de diferentes formas o quão enriquecedor era estar naquele espaço que lhes oferecia acolhimento e cuidado. Os encontros demonstraram ser um momento no qual os adolescentes se sentiram seguros para compartilhar vivências e sentimentos que dificilmente seriam discutidos em outros espaços e momentos.

A oportunidade do trabalho em grupo foi extremamente rica, uma vez que permitiu trocas significativas entre os adolescentes, tanto nas concordâncias como nos momentos de diferentes visões e compreensões, proporcionando compartilhar sentimentos, opiniões e ideias a respeito do momento que se vivencia. Dessa forma, a constituição de espaços de reflexão permitiu ao adolescente a experimentação dessa fase do desenvolvimento de forma mais segura quanto aos seus sentimentos e ideais, conforme a avaliação final de uma das participantes. Sendo assim, o presente trabalho apresentou variadas ações com a proposta de promover diálogo e escuta entre os adolescentes.

É importante destacar também a relevância das ações extensionistas na formação do estudante. Como descreve o Art. 3º do Conselho Nacional de Educação, a Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Ministério da Educação, 2018). Sendo assim, podemos afirmar que o projeto de extensão permitiu a aproximação com a prática, contribuindo de forma significativa para a formação acadêmica do estudante, abrindo possibilidades de atuação para além dos estágios.

5 - REFERÊNCIAS

- Aberastury, A., & Knobel, M. (1989). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artmed.
- Assunção, R. S. & Matos, P. M. (2014). Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. *Psicologia em Estudo*, 19(3), 539-547.
- Barbosa, E., T., & Souza, V., L., T. (2015). Sentidos do Respeito para Alunos: uma Análise na Perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(2), 255-270.
- Becker, D. (2003). *O que é adolescência*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Beserra, G. L. Ponte, B. A. L, Silva, R. P, Beserra, E. P, Sousa, L. B & Gubert, F. A. (2016). Atividade de vida “comunicar” e uso de redes sociais sob a perspectiva de adolescentes. *Cogitare Enfermagem*, 21(1), 01-09.
- Bock, A., M., B. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07.pdf> em 20 de agosto de 2019.
- Checchia, A. K. A. (2010). Apontamentos gerais sobre a adolescência. Em *Adolescência e escolarização: numa perspectiva crítica em psicologia escolar*. (pp. 19-28). Campinas, S.P., Alínea.
- Dessen, M. A. & Polonia, A. da C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17(36), 21-32
- Frota, A. Ribeiro, H. & Seregatte, A. (2016). *Profissão futuro*. São Paulo: Matrix.
- Gomes, M. M. (2005). Oficinas com recursos expressivos na formação de educadores: mãos que criam arte, reflexão e vida. In: S. Ciornai. (Org.). *Percursos em Arteterapia* (pp. 65 – 80). São Paulo: Summus.

González Rey, F. (2004). Conceito de saúde: seus determinantes psicossociais. In F. González Rey (Ed.), *Personalidade, saúde e modo de vida*, pp. 1-52. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning.

Leal, Z.,F., de R.,G & Facci, M., G., D. (2014). Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação. Maringá: Editora Universidade Estadual de Maringá.

Lyra, J., Medrado, B., Nascimento, P., Galindo, D., Moraes, M., & C. Pedrosa (2002). “A gente não pode fazer nada, só podemos decidir o sabor do sorvete”. Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos. *Cadernos Cedes*, 22(57), 19-21.

Macedo, E., O., S. & Conceição, M., I., G. (2015). Significações sobre Adolescência e Saúde entre Participantes de um Grupo Educativo de Adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(4), 1059-1073.

Ministério da Educação (2018). Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014 – 2024 e dá outras providências*. Recuperado de http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192

Muza, G. M., & Costa, M. P. (2002). Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes: o olhar dos adolescentes. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 321-328.

Oliveira, M. C. S. L., Pinto, R. G. & Souza, A. S. (2003). Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia*, 11(1), 16-27.

Outeiral, J. (2008). *Adolescer*. Rio de Janeiro: Editora Revinter Ltda.

Pratta, E. M. M. & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256.

Ribeiro, M, A., Uvaldo, M, C, C., Fonçati, G., Audi, D, A., Agostinho, M, L., Malky, Y. (2016). Ser adolescente no século XXI. Em R. S. Levenfus, *Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativo*. (pp. -13-23). Porto Alegre, R.S., Artmed.

Sampaio Filho, F. J. L., Sousa, P. R. M., Vieira, N. F. C., Nóbrega, M. F. B., Gubert, F. A. & Pinheiro, P. N. C. (2010). Percepção de risco de adolescentes escolares na relação consumo de álcool e comportamento sexual. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 31(3), 508-514.

Sodelli, F. (2013). Cartilha de orientação sobre sexualidade e deficiência intelectual. Recuperado de: http://feapaesp.org.br/material_download/321_Cartilha%20-%20Sexualidade.pdf em 05 de novembro de 2019.

Velho, M., T., A., de C., Quintana, A., M., & Rossi, A., G. (2014). Adolescência, autonomia e pesquisa em seres humanos. *Revista Bioética*, 22(1), 76-84.